

Cruz de cristo servia tortura de homens

por Ricardo Timane

12/5/82

Os depoimentos dos comprometidos da PIDE/DGS que ontem à tarde se pronunciaram, constituiram, entre outros aspectos, testemunho inequívoco da sinistra aliança entre a Igreja e aquela organização durante a ocupação colonial de Moçambique. Neles se provou como de facto a religião católica era um suporte ideológico do colonial-fascismo, com a cruz da religião que pregava a Fé a Esperança e a Caridade serviu ao regime para torturar e tentar aniquilar a determinação, a certeza e o orgulho do Povo moçambicano em armas.

António Maurício Pope, tem 50 anos de idade, e foi durante alguns anos agente da PIDE/DGS. Em termos gerais a história da sua ligação com esta organização repressiva do colonial-fascismo é esta: no início dos anos 50 e quando frequentava o último ano da Escola missionária do Alvor, o padre Macedo Rebelo convidou-o a arranjar um «emprego».

António Pope preferia ingressar na Escola de Artes e Ofícios mas o padre Macedo Rebelo era doutro douto parecer e com o ascendente que tinha sobre Pope conseguiu convencê-lo a aceitar «o emprego». Assim com uma carta de recomendação nas mãos assinada pelo referido missionário António Pope correu a apresentar-se no seu novo e misterioso «emprego».

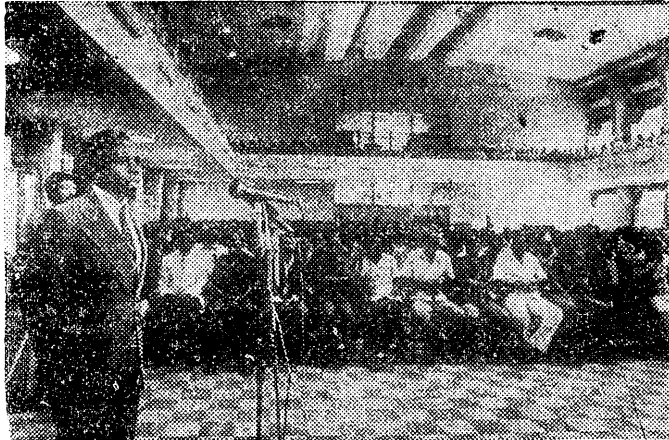
Primeiro passou por um estágio de 4 meses onde aprenderia os métodos de trabalho da sua sinistra profissão: informador da PIDE.

Quatro meses de aprendizagem de como proceder para observar uma pessoa indicada, como lhe seguir os passos, e estar atento aos papéis ou folhetos que leva nas mãos, e, se os transmite a uma outra pessoa.

Terminado o prazo de estágio António Maposse iniciou as suas funções na rede de informadores da PIDE com uma primeira missão: vigiar as residências de indivíduos suspeitos, e o movimento de pessoas que entravam e saíam. Em seguida recebeu uma outra missão bem mais sofisticada. Simulando o necessário de emprego deveria introduzir-se como empregado doméstico na casa de um suspeito na circunstância um taxiteiro de nome Pereira, o que veio a conseguir. Deste modo enquanto trabalhou em casa do Pereira forneceu informações à PIDE sobre a sua vida, visitas, leituras, etc.

Posteriormente entrou nos CFM. Através de relatórios mensais mantinha os chefes da PIDE ao corrente dos contactos dos responsáveis da empresa.

Em 1951 deixou de dar informações e a PIDE, (então Polícia Internacional), deixou de lhe pagar. Enquanto esteve ao seu serviço recebia cerca de 400 escudos mais 100 escudos de gratificação e 150 como empregado doméstico, num total de 650 escudos.



Esta a trajectória de António Maposse, que ele num depoimento arrastado, vacilante deu a conhecer, aos presentes num dos momentos mais dramáticos da sessão de debates de ontem.

O relato de Maposse, os relatos que outros comprometidos apresentaram das suas vidas, de factos, de pessoas, foram um verdadeiro desfile das teias da opressão colonial representadas por figuras, personagens, quadros reais, caricaturas tão irónicas quão revoltantes ao mesmo tempo. E a história de António é por si só um exemplo.

Maposse estudou pensando que isso seria o salto para um emprego e uma vida melhor. A escola missionária que frequentava poderia constituir na circunstância um veículo e possivelmente ele acreditou nisso. Teve a primeira desilusão quando quis passar para a Escola de Artes e Ofícios e o padre da missão lhe negou essa possibilidade.

Foi uma primeira prova no caminho de opções que teria que fazer na sua condição de colonizado: lutar ou vergar-se. Ele preferiu baixar os joelhos certamente ainda sem muita consciência disso.

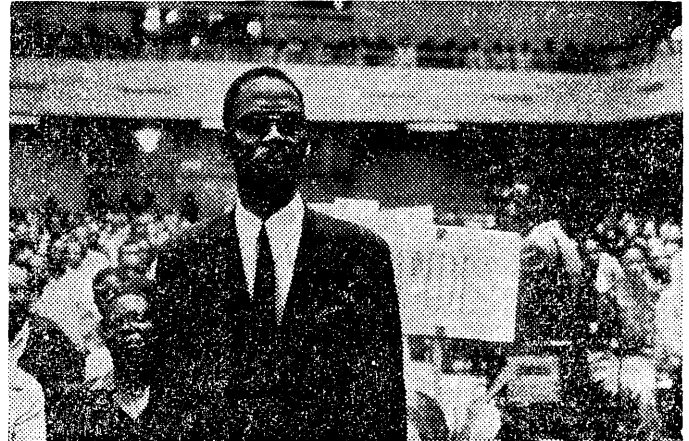
Entretanto o padre Macedo tinha uma proposta para ele. Uma proposta nada missionária. Com uma recomen-

tanto juízo», ou umas palmadinhas nas costas sentiam-se protegidos. Aparentemente alguém preocupava-se com eles o que, portanto, não deixava de lhes excitar a ambição e a vaidade pessoal, combinadas com o proveito material.

Mas eles na realidade não eram senhores de si próprios e daí a necessidade das «cartas de recomendação» ou o «venho da parte de fulano de tal» de que constantemente eles eram portadores (mas passadas por um senhor do regime colonial para outro senhor) a fim de poderem ser qualquer «coisa» na sua própria Pátria.

Por outro lado, mesmo membros da ANP ou da PIDE não deixavam de ser desprezados pelo regime que apenas se servia deles, e, evidentemente não podiam deixar de ser desprezados (devido aos seus crimes e à sua traição) pelo Povo.

A história do régulo José João Fumane é disso exemplo bem conhecido pela sua colaboração de longa data com a PIDE, de que era um dos seus quadros, viu os seus patrões partirem e abandonarem-no aquando da inde-



Os PIDE's Maté (em cima) e Fumane (em baixo): importantes peças da máquina repressiva colonial.

dação nas mãos enviou-o para os braços da PIDE celebrando a «santa aliança» e contribuindo de maneira bem cruel para o seu destino.

Maposse, como outros comprometidos que ontem prestaram os seus depoimentos quando ouviam «deves começar a pensar no teu futuro, por-

pendência. E quanto às suas relações com a população da zona do país onde nasceu ele próprio dá o testemunho nesta resposta ao Presidente Samora:

— «Se eu te entregasse à população de Manjacaze»

— «Matavam-me!»